

Médicos e Sociedade

Para uma História da Medicina em Portugal no século XX

Apresentação do Livro

9 de novembro, 18h30, Auditório 2

Fundação Calouste Gulbenkian

Senhor Bastonário

Caro Salvador de Mello

Dr. Barros Veloso, Prof. Henrique Leitão e Dr. Luiz Damas Mora,
editores

Ilustres autores e demais convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Foi com grande gosto que aceitei participar nesta sessão de lançamento da história da Medicina no século XX. Felicito os editores da obra bem como os restantes autores, alguns infelizmente já desaparecidos, cujo contributo para a história de uma disciplina tão importante na vida das pessoas ultrapassará seguramente o nosso ciclo de vida.

Não há muitas obras deste género, que exigem um fôlego e um esforço colectivo que apenas a existência de um mecenas como a José de Mello Saúde, que saúdo na pessoa do seu presidente, permite ultrapassar.

Encarem o meu próximo comentário não como uma crítica, que não é, mas como um incentivo para um segundo volume que estou certa estará já na cabeça dos editores.

A meu ver, falta um capítulo fundamental nesta obra a todos os títulos notável, um capítulo dedicado à Fundação Calouste Gulbenkian, mas cuja ausência não imputo aos editores mas à própria Fundação Calouste Gulbenkian que, não obstante os marcos impressionantes que ajudou a alcançar no domínio da Medicina e da Saúde Pública no nosso país, nunca procurou o reconhecimento por isso.

Bem sei que a Fundação aparece referenciada ao longo da obra, em diferentes entradas e a propósito de intervenções muito diferenciadas como o seu papel na formação dos médicos, através da sua política de bolsas de estudo, ou do seu contributo para a investigação médica com o pioneirismo do Instituto Gulbenkian de Ciência, criado em 1961, e cujo sector médico foi entregue a Horácio Menano (Fisiologia), Peres Gomes (Farmacologia), David Ferreira (Biologia Celular) e Nicolau van Uden (Microbiologia).

Não falta mesmo a referência ao humor irrepreensível de Reynaldo dos Santos a propósito do episódio, não sabemos se apócrifo, de uma visita médica, a pedido de Fernando Fonseca, ao nosso Fundador Calouste Gulbenkian. Em nota de rodapé, o Dr. Barros Veloso conta que Reynaldo dos Santos, quando chamado por Fernando da Fonseca para algaliar Gulbenkian terá dito, “Vê, Fonseca, urina”, ao que Fernando Fonseca terá retorquido “Então que é que o Professor esperava que fosse?”. “Petróleo”, respondeu Reynaldo.

Não sabemos da veracidade desta história - assim como de muitas outras que se contam a propósito do nosso Fundador e da relação que mantinha com o seu Médico, como aquela que se conta que mantinha uma avença com o Prof. Fernando Fonseca e que só deixava de pagar quando adoecia... - mas a relação da Fundação que criou em Portugal após a sua morte com a Medicina é muito real.

Embora a Saúde não estivesse incluída explicitamente nas finalidades assinaladas estatutariamente por Calouste Gulbenkian à Fundação, o Conselho de Administração sempre entendeu que esta preocupação era transversal à instituição,

constituindo uma derivação de todas as finalidades estatutárias, da arte à caridade, da ciência à educação.

Por este motivo, ao longo da existência da Fundação, a Saúde foi objeto de intervenção em todas as suas dimensões, desde a prática clínica até à sua representação artística. Por outro lado, a Saúde é seguramente uma das áreas de atividade da Fundação Calouste Gulbenkian em que são mais evidentes as características que normalmente são apontadas à intervenção das fundações, no sentido de que estas acompanham e, até, influenciam as mudanças políticas, económicas, sociais e culturais das sociedades em que se inserem.

Na área da Saúde a intervenção da Fundação representou, na década de sessenta, por exemplo, aproximadamente 12% da despesa do Estado, sendo em larga medida responsável pela modernização da medicina hospitalar em Portugal, em especial de alta tecnologia destinada ao tratamento dos doentes, mas igualmente ao nível do ensino e da investigação.

Em mais de 60 anos de atividade, a missão da Fundação nos domínios da saúde, da assistência e do desenvolvimento

individual humano foi-se adaptando às transformações sociais do País.

A saúde dos portugueses alcançou notáveis progressos nas últimas décadas, que nos posicionam em lugar de claro reconhecimento internacional e que constitui indiscutivelmente a marca mais positiva do nosso regime democrático e não podemos aceitar que possa vir a estar em causa.

Não concebemos Portugal, hoje, sem um Serviço Nacional de Saúde, de acesso universal, desenhado para as pessoas e sustentado nos valores da solidariedade e da equidade. A Fundação Calouste Gulbenkian contribuiu seguramente para alcançarmos este patamar de referência, assim como todos os profissionais do sector.

A obra que hoje é lançada em muito contribui para o conhecimento desta história e por este motivo reitero as minhas felicitações aos seus autores.

Muito abrigada.

Isabel Mota